

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Memória da águas

Fernanda Rodrigues Galve*

Chega agora o momento do grande encontro entre o rio Capibaribe e o engenheiro da palavra, profeta dos espaços, que conduz estas memórias da águas nas folhas de papel. Este condutor das palavras, João Cabral de Melo Neto, caracteriza sua obra com a observação e o fascínio sobre os mistérios e as realidades que possui a cidade do Recife.

Nota-se que o poeta apresenta em “Morte e Vida Severina” argumentos e evidências do que observou em sua vida. São numerosos os elementos integradores da temática nordestina nesta obra. Para começar, pode-se citar as presenças do rio, do sol, da seca, do homem, da fome, do canavial, dos engenhos, da cidade, da religiosidade e da morte. Além disso, nesta composição literária, observa-se uma persistente volta ao realismo social caracterizado pela objetividade e crítica da constatação do cotidiano.

A idéia de que o rio simboliza a força criadora da natureza e do tempo, adicionada, ainda, à fertilidade e à irrigação da terra, em João Cabral, cresce de tal maneira que as várias imagens que inundam o poema “Morte e Vida Severina” estão ligadas ao fio mais precioso nesta grande jornada, o Capibaribe. Este Rio foi essencial para o desenvolvimento do Recife, além de ser uma grande fonte de estudo para o poeta João Cabral de Melo Neto, que, em sua obra, evidencia a vida deste grande rio, unida com a do poeta e com a do próprio homem Severino.

O rio Capibaribe nasce na serra do Jacarará, no município do Brejo da Madre de Deus, na divisa de Pernambuco com a Paraíba. Possui cerca de 74 afluentes e banha 32 municípios pernambucanos, sendo os mais importantes Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e Recife. Forma, assim, a maior bacia hidrográfica do Agreste brasileiro, compondo um belo cenário formado por beiras, secas, casarões, Igrejas, manguezais e muita História.

A ampla importância histórica e social do rio Capibaribe, sobretudo no que se refere à formação e ao desenvolvimento de Pernambuco e da região Nordeste do Brasil,

* Mestre, Pontifícia Universidade de São Paulo.

chama a atenção ao demonstrar o elo de ligação entre a cultura da cana-de-açúcar da Zona da Mata¹ pernambucana, os currais do Agreste² e o Sertão³

A partir do século XVI, a paisagem colonial brasileira formada às margens do rio Capibaribe passou a ser povoada por feitores, lavradores e senhores de engenhos, que deram origem aos conjuntos de casas-grandes e consolidaram a cultura da cana-de-açúcar no Nordeste. As margens do Capibaribe contribuíram muito para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Pernambuco. A agricultura e a pecuária desenvolvida na região não se deu apenas do centro para a periferia, mas também dos engenhos para o centro comercial. Suas águas também foram fundamentais para esta evolução, bem como para o transporte de pessoas, objetos e mercadorias.

Nas margens do rio não se pode encontrar um grande número de pessoas, pois a terra que está em seu entorno é valiosa e pertence a poucos. Em seu percurso encontram-se, mais freqüentemente, grandes latifúndios de cana-de-açúcar, casarões e poucas vilas.

O rio Capibaribe, nome que em tupi significa “rio das capivaras”, aproxima povos e culturas ao longo do seu percurso. Esta idéia é reiterada por Josué de Castro:

Heródoto dizia que o Egito era um dom do Nilo. Tudo lá era fruto das águas: terra, economia e religião. Também o Recife – essa pitoresca cidade, discreta e envolvente – é um dom dos rios. Rios que deram origem à cidade e foram importantes fatores de sua história.⁴

O Rio Capibaribe percorre um longo caminho e passa por cidades e vilas, contando simbolicamente todas as aventuras e desventuras da vida em Pernambuco. Em tempos de seca e necessidade apresenta-se como um rio humilde, como um escasso fio de água. Assim como o homem do nordeste, o Capibaribe tem uma sina a cumprir, e seca no verão – “pernas que não caminham”:

Capibaribe contraditório amargamente irônico... cheio de contrastes gritantes, muda extradionariamente de fisionomia da aristocrática Madalena ou Ponte D'uchoa, aos coelhos e Joana Bezerra, povoados de tremenda miséria. Daí versos duros e cruéis de João Cabral.⁵

¹ Zona da Mata é uma região bem povoada, a que concentra o maior número de indústrias e a mais urbanizada. Possui clima tropical úmido, com chuvas mais freqüentes. O solo dessa área é fértil e a vegetação natural é a Mata Atlântica.

² Agreste é a zona de transição entre a Mata e o Sertão. Região úmida e cheia de brejos.

³ O Sertão possui um clima semi-árido com solos rasos e pedregosos. Há chuvas escassas e mal distribuídas. Sua vegetação típica é a caatinga.

⁴ CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

⁵ VAMIREH, Chacom. *O Capibaribe e o Recife - História social e sentimental de um rio*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959. p.119.

No Auto de Natal Pernambucano, o rio Capibaribe é o cenário e o fio condutor de uma grande jornada. É caracterizado como um rio espesso, amistoso e confidente, cujo trajeto Severino tem medo de perder. Contudo, este retirante aprende com a experiência e sabe que, ao seguir este grande rio, pode chegar à vida:

*Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia
[...]
- Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.*

Durante a sua descida, o rio reflete paisagens diferentes e cada vez mais acolhedoras. Por estas novas paisagens, suas águas encontram diversos afluentes: Ribeiro do Arroz, Ribeiro do Urubu, da Grota e da Fenda, do Mel e da Cachaça, do Pau de Arara, da Pedra Tapada, entre outros rios que, juntos, também contam suas histórias.

O rio Capibaribe, delicado na nascente, seco no Agreste e grandioso na cidade, corre para o mar e, em seu caminho, produz ou encaminha vidas. Ao chegar na cidade do Recife, encontra seu grande amigo em um grande abraço, o rio Beberibe. Estes dois rios aventureiros, em estado de boemia, se avolumam, perdem o rumo e formam os canais e os mangues da cidade de Recife, onde, como bons e velhos amigos, resumem suas aventuras heróicas, até o grande encontro com o Atlântico.

O que intriga o retirante é que este fio condutor, o rio, nunca rotineiro e monótono, sempre está em movimento, assim como a vida e o tempo. Observa, ainda, que em seu caminho são percebidas diferenças gritantes. Na área do Sertão, por exemplo, o Capibaribe é temporário. Durante um longo período do ano, ele se transforma num caminho de areia, com poucos trechos navegáveis, que recebem suas águas de outros dois rios, o Beberibe e o Tijipió.

Como a grande maioria dos rios do sertão nordestino, o leito do Capibaribe, na época da seca, confunde-se com a paisagem. O homem que habita esta região possui o nada e a sua história assemelha-se com a do rio, cuja vida está sempre por um fio:

*- É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar,
não tem mais o que esperar.
- Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
- E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
- Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
- Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.*

O rio Capibaribe conduz ao tempo do reencontro, liga o campo à cidade, o rural ao urbano, a nascente ao mar, e a morte à vida. Ele nasce pequeno, cresce pensando que é grande e morre gigante, pois encontra o seu destino, o oceano. Torna-se um e junta-se a todos nas “franjinhas do mar”. É identificado ao homem nordestino e retirante, que, assim como ele, tem uma sina a cumprir.

O rio é o começo, é o caminho, é a ponte para a esperança, é o que re-liga o homem à sua vida. É local de vida e de morte, de início e de fim. É o grande fio desta trama de História poética e de crítica social que é habitada por todos nós e representada na obra de João Cabral, pela imagem de Severino.

O tempo e o rio

A cidade de Recife, com sua paisagem natural, seus acidentes geográficos e seus rios, constitui um enorme mosaico de cores, cheiros e sentimentos. É uma cidade que, com o caos urbano, reflexo da síntese das múltiplas expressões culturais, consegue,

concomitantemente, aspirar e abolir os efeitos desnorteadores, o que lhe dá uma marca inquestionável.

Em “Morte e vida Severina”, o Rio Capibaribe é um personagem marcante que simboliza um local tanto de esconderijo quanto de morte e de vida. O rio surge, portanto, como um marco tradicional do fluxo ininterrupto do tempo, que carrega o homem para o mistério final da morte e da vida severina.

Neste artigo, procura-se realçar o elemento da água, o rio e suas beiras, como forma de pensar o espaço do homem enquanto acumulação desigual de tempos.⁶ O momento passado, neste espaço, está vivo e em movimento como tempo; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação participa da vida atual como regaste e como forma indispensável à realização social.

Portanto, o espaço percorrido nesta jornada é o resultado de uma acumulação de tempos. Na obra do poeta João Cabral, pode-se notar um certo equilíbrio entre o espaço ambíguo retratado pelo rio e a seca. Em contrapartida, um outro olhar foi colocado pelo historiador Durval Muniz, que identifica na obra de João Cabral mais o dado espacial do que o temporal:

A estabilidade do espaço seria dada pelo trabalho com a memória, mas não um trabalho de conservação, e sim de condensação, de lapidação, retirando as lembranças do esquecimento, fazendo-as duras e concisas. A memória, em Cabral, fala mais da dimensão espacial que da temporal.⁷

Porém, este espaço ou cenário representado na obra, com a importância dada ao rio Capibaribe, pode ser entendido também como dimensão, além de espacial, temporal. Tempo de reflexão, de esperança e/ou de medida para a História. O tempo é um dos caminhos possíveis para se penetrar no reino das palavras, uma vez que nossos acontecimentos nem sempre nos permitem interrogar nossa experiência.

O poeta, em “Morte e vida Severina”, apresenta ao leitor uma crítica sobre o homem que vive apenas o momento rotineiro, sem sal, mas essencial. Este homem, que vive apenas para sobreviver, é representado por Severino, retirante sonhador, crítico e esperançoso que tem poderes para transformar o tempo e construir sua história.

O tempo remete a processo, organização, controle e ritmo. É por intermédio deste tempo finíssimo e transparente que se percorre a História. O tempo é preenchido com a

⁶ SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: UNESP, 2002. p.78.

⁷ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999. p.260.

matéria viva, o homem, que deve habitá-lo. No futuro o tempo passado já estará morto, porém habitado e vivo na memória. Embora “as imagens e as palavras ocorram no agora, sabemos que eles pertencem a um momento que não existe mais.”⁸

Para o poeta, o tempo pode ser sentido em sua amplitude quando a substância viva e física que a vida possui é utilizada. Se a vida está vazia, o tempo torna-se rotina e os cinco sentidos humanos se acostumam com o que percebem. Este tempo descrito é rotineiro, lento, simples, sensível e perceptível, pois não muda, podendo ser comparado a um bicho de estimação, que, pelo costume de se tê-lo, torna-se hábito.

Sendo assim, o cotidiano passa necessariamente pela idéia de repetição e de procedimentos padrões que compõem a tecedura social, assegurando a sobrevivência, a segurança e o bem-estar.⁹ Para João Cabral, este tempo rotineiro aparece na poesia por intermédio da ladainha¹⁰ e do rosário¹¹:

*Antes de sair de casa
Aprendi a ladainha
Das vilas que vou passar
Na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
Cidades que elas são ditas;
Sei que há simples arruados,
Sei que há vilas pequeninas,
todas formam um rosário
cujas contas fossem vilas,
todas formando um rosário
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
Ate o mar onde termina,
Saltando de conta em conta,
Passando de vila em vila.*

O tempo demonstra sua existência na simplicidade de seu passar, de seu percurso, expressando-se em formas. Tempo que segue o ritmo da ladainha e as contas de um rosário. Tempo que seria igual e repetitivo se não fossem as diferenças existentes entre as vilas e os arruados, onde a vida transforma-se a cada instante.

Destes momentos variáveis transcorre a vida e a beleza. Este tempo do rosário é rotineiro, de compasso regrado, e, assim como o ritmo da ladainha, é preciso e contínuo. Contudo, o improvável pode ocorrer, por algum rompimento deste tempo surge no homem, e:

⁸ ADES, César. *Múltipla memória*. Vol.4. São Paulo, Psicologia USP, 1993.

⁹ FAUSTO, Boris. “Crime e cotidiano.” In: _____. *Cultura e cidades*. São Paulo: ANPUH, 1985.

¹⁰ A ladainha é uma oração de estrutura cíclica, ao mesmo tempo em que sacraliza o percurso.

¹¹ Rosário é uma devoção religiosa que consiste na recitação e repetição de quinze dezenas de Ave-Marias (os quinze mistérios da Vida, Paixão e ressurreição de Cristo) e de quinze Pai-Nossos. Ou uma série de fatos seguidos, como contas de um rosário.

*Desde que estou retirando
Só a morte vejo ativa,
Só a morte deparei
E as vezes até festiva;
Só morte tem encontrado
Quem pensava encontrar vida,
E o pouco que não foi morte
Foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).*

Seguindo esta análise, a obra é composta de estruturas cíclicas em que coexistem os momentos *Chronos* e *Kairós*. São múltiplos os aspectos que demonstram o tempo e a história por intermédio destes ciclos. Os principais são o rio Capibaribe e o mar, a morte e a vida.

Estes ciclos envolvem o homem e o tempo e marcam a transformação, constituindo um exemplo de uma trilha possível e prevista. Os argumentos que fundamentam esta idéia na poesia desenrolam-se em um tempo em que a ação dos afetos e da representação produz uma lógica própria, capaz de viabilizar construções equivalentes e belamente ordenadas, conforme afirma Vico ao estudar a lógica poética:

A história não se apresenta em uma linha direita, mas através de uma série de círculos que se desenvolvem em espiral e nunca se conclui. A história não obedece assim a um movimento linear, não se propaga em linha reta, mas através de sucessivas espirais, cada vez mais vastas, através de uma série de regressos. Não há puros regressos, nunca se regressa ao ponto de partida. É a divina providência que conduz o homem para cima o que implica uma sucessão de renascimentos ou de regenerações, à maneira de Fênix.¹²

João Cabral assume a condição de poeta intelectual: ele cria, pensa, planeja e escolhe metodicamente ritmos, rimas e vocábulos. Essas verdades de fato podem, assim como todas as meias verdades, induzir ao equívoco de se pensar que os seus numerosos poemas pernambucanos são um fora sem dentro, um jogo de sintagmas bem regrados em que tudo se esgota na superfície verbal, sem horizontes extra-textuais, nem dimensão existencial.

Um dos ciclos importantes do poema de João Cabral consiste na inversão do seu título. A palavra “morte” antes da palavra “vida” toma significado especial. A morte a que o poeta se refere é a morte social, e não somente a individual. João Cabral esclarece esta idéia em uma entrevista concedida ao poeta Sebastião Uchôa:

¹² VICO, Giambattista. *A ciência Nova*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

[...] Nesse meu livro [Agrestes] eu narro uma conversa com Lopez Ibor, que era o grande psiquiatra de Madri quando eu estava lá. A mulher de um amigo meu da embaixada se tratava com López Ibor. Esse amigo me disse: “eu acho que você deveria ir ver Lopez Ibor.” Como eu estava meio angustiado, concordei. O sujeito era extraordinário. López Ibor me disse: “Eu sei que o senhor escreve. O senhor me empresta um livro seu?” Eu perguntei: “o senhor lê português?” E ele: “Ah, leio.” Eu dei para ele Duas águas, que era, naquele tempo, minhas poesias completas. Na vez que eu voltei lá, ele me disse: “Eu fiquei impressionado como o senhor fala na morte.” Então, falei: “Doutor López Ibor, o senhor está se referindo a Morte e vida severina, esse tipo de coisa. A morte de que falo não é a morte individual, rilkeana¹³: é a morte social.”¹⁴

Em “Morte e Vida Severina” o embasamento é o da morte coletiva no Nordeste. O personagem Severino é o resumo deste coletivo, representado não o todo dos homens, mas o todo dos socialmente oprimidos. O foco, como já analisado, está na forma e no cerimonial social desta morte:

*Desde que estou retirando
só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e as vezes até festiva;
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).*

O poeta versa sobre a vida, a história e a beleza do novo. E na condição severina da morte é o nascer de uma nova vida. A imagem da morte e da vida é estabelecida pelo rio Capibaribe e pelos homens que nele se fundem.

João Cabral compõe a imagem da morte no seu processo social. Esta morte do definhamento, da seca que desidrata gradativamente. Nessas condições, a única forma de vida é a presença do rio Capibaribe, um rio que, no início da jornada, apresenta-se aparentemente também morto, sem água.

A morte é a imagem da não-identidade do humano no homem que está vivo, como natureza degradada fisicamente, emocionalmente e mentalmente. Este ciclo de morte e vida é apresentado no início da jornada como uma imagem dramática deste cotidiano de adaptações

¹³¹⁴ O poeta Rainer Maria Rilke nasceu em Praga no dia 4 de dezembro de 1875. Rilke eliminou de sua poesia o lirismo vago que, em parte, lhe havia inspirado os simbolistas franceses, e, em seu lugar, adotou um estilo preciso e concreto que se pode perceber em “O livro das horas” (1905), que consta de três partes: O livro da vida monástica, O livro da peregrinação, e O livro da pobreza e da morte. Esta obra o consolidou como um grande poeta por sua variedade e riqueza de metáforas e por suas reflexões um pouco místicas sobre as coisas. Foi secretário, de 1905 a 1906, do escultor Auguste Rodin. A maioria dos seus sonetos canta a vida e a morte como uma experiência cósmica. A obra de Rilke com seu hermetismo, solidão e ociosidade chegou a um profundo existencialismo e influenciou os escritores dos anos cinquenta tanto na Europa como na América.

¹⁴ Resposta ao poeta Sebastião Uchôa Leite, 34 Letras, Rio de Janeiro, n°3, mar. 1989.

e de desventuras humanas. Sob um outro ângulo, o poema transforma a morte em geradora de uma nova vida:

*O RETIRANTE APROXIMA-SE DE
UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE*

*Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
Sabia que no rosário
de cidade e de vilas,
e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,
não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
ao meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.
Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de aninga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).*

Ao chegar em Recife, o retirante percebe que sua vida severina não sofrerá muitas mudanças. Compreende, ainda, que a grande jornada por qual passara tecia o seu próprio enterro. João Cabral descreve a importância da ordem morte e vida severina para a narração dramática da morte no sertão sob o olhar da vida – vida que transcende a vida-indivíduo.

O poeta, além disso, apresenta a morte social para encontrar nela as origens da vida social, na qual a vida é história. E morte, na obra, é a imagem do trágico conflito entre as classes. Os que morrem Severino pertencem à classe da vida. Os que matam na forma severina pertencem à classe da morte¹⁵:

*Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
- É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.
- Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
- É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
- É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
- É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.*

O homem Severino, carente de tudo e de morte matada, cria vida e história. Morrer e viver como classe severina é mais que viver e morrer. É fazer exemplo da morte a necessidade da vida, o horizonte da história.

Com uma apurada crítica social, a obra “Morte e Vida Severina” proporciona uma reflexão sobre o tempo e o espaço percorrido por Severino a partir do seu principal guia, o rio Capibaribe – rio que também é tempo e percurso. Rio que corre, que representa a vida como um devir, um vir-a-ser. Mas viver é também vir-ver, vir ou ir ver é o sonho essencial do homem que busca o eldorado para viver.

Enfim, o poeta luta com as palavras com a preocupação de demonstrar o concreto e de canalizar e cristalizar o que é escrito. Nesse choque entre palavras perfiladas, João Cabral apresenta a lâmina e o ciclo do rio no tempo.

¹⁵ OLIVEIRA, Erson Martins de. *Morte e vida em João Cabral*. In: PUC viva, ano II, nº 7. Dezembro de 1999.